

“Isto aqui não é uma torcida. Isto aqui não é uma escola de samba. Isto aqui é um hospício.”: a Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) e a Sociedade Escola de Samba TUP¹

Júlio César Valente Ferreira (CEFET/RJ)²

Palavras-chave: Torcida Organizada. Carnaval. Torcida Uniformizada do Palmeiras

1. Considerações iniciais

Futebol e carnaval são manifestações da cultura popular, de circularidade, as quais rompem uma suposta hierarquia de manifestações culturais por classe (Williams, 2011/1980). DaMatta (1982) aborda o futebol como máquina de socialização, principalmente porque é algo rotineiro, isto é, tem futebol quase todo o ano. Por outro lado, esta análise também é válida para o carnaval, pois, apesar do tempo do carnaval possuir vacâncias em relação ao calendário anual; por exemplo, as escolas de samba e os blocos de enredo (no Rio de Janeiro) (em São Paulo são denominados normalmente como blocos especiais) demandam tempo de seus integrantes (em intensidades distintas, logicamente), o qual supera (e muito) os dias oficiais de folia, constituindo-se então também em espaços de socialização (Leopoldi, 2010/1978). Desta forma, este trabalho coaduna-se com a abordagem do futebol e do carnaval a partir do viés configuracional de dramatização da vida social.

Toledo (1996) destaca que, na cidade de São Paulo, as torcidas organizadas são organizações populares criadas em torno do futebol e que, em alguns casos, também participam como agremiações carnavalescas na folia paulistana. Para Toledo (1996), a diferença entre estas modalidades de sociabilidade baseadas em disputas reside no fato de que, no carnaval, as torcidas organizadas participam como protagonistas.

O trabalho tem como objetivo etnografar a preparação e o desfile da Sociedade Escola de Samba TUP, ligada à Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP), configurando desta forma as sociabilidades que sustentam relações que produzem sujeitos críticos, autônomos e potentes e os atravessamentos que constituem sujeitos

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Doutor em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Professor Adjunto do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) no Departamento de Engenharia Mecânica *campus* Nova Iguaçu. Líder do Grupo de Pesquisa Produção e Economia de Comunhão. Coordenador Científico do Encontro de Engenharia no Entretenimento. E-mail: jcvferreira@hotmail.com

múltiplos e marcados por diferenças. No caso em questão, a união entre carnaval e futebol se estabelece em uma instituição, configurando então uma materialidade onde uma cultura se traduz (Williams, 2011/1980).

A literatura específica sobre a relação entre estas formas de sociabilidade é escassa, com trabalhos que buscam descrever: (i) quem são estas torcidas organizadas no universo do samba (Campos e Louzada, 2012), (ii) através da análise do resultado de um *survey*, em que grau estes torcedores organizados aderem ao carnaval de sua torcida organizada (Hollanda e Medeiros, 2018) e (iii) como estas duas cosmovisões se imbricam no caso de uma torcida organizada específica, focando os mecanismos conciliatórios dos discursos de virilidade da torcida organizada e de confraternização preconizado pelo carnaval, tendo como estudo de caso a torcida organizada e escola de samba Gaviões da Fiel, dedicada ao Corinthians (Bueno, 2015). Também há uma parte de um dos capítulos da publicação de Toledo (1996) que descreve a preparação do carnaval do bloco especial (na época) ligado à torcida organizada Camisa 12, dedicada ao Corinthians.

2. Questões metodológicas

O estudo realizado possuiu enfoque qualitativo. Para tal, teve relevância o delineamento, a observação e a compreensão deste universo apreendido etnograficamente (Peirano, 2001). O posicionamento e a atuação da TUP no carnaval são explicados através da compreensão do processo de construção de sua identidade e do delineamento das forças sociais que os mobilizam e das redes internas e externas, conforme Bott (1957 como citado em Mayer, 2010/1966, p. 144), de apoio que suportam suas atividades.

Como fonte inicial de consulta de dados, optou-se pela consulta à documentação disponibilizada pela Sociedade Amantes do Samba Paulista (SASP). A consulta a este acervo permitiu traçar o histórico da participação da Sociedade Escola de Samba TUP desde sua estreia como bloco especial em 1991³ (sua fundação ocorreu antes, em 1989), com informações ano a ano sobre a divisão hierárquica em que se encontrava,

³ No Rio de Janeiro, os blocos especiais (também chamados de blocos de fantasia) são denominados blocos de enredo (Ferreira, 2018). A referência comparativa se faz, pois não foram encontradas pesquisas sobre este tipo de manifestação carnavalesca em São Paulo. O desfile dos blocos especiais possui estrutura competitiva, estética visual e musical similar às escolas de samba e desfile no formato de parada (o qual prevê a preparação de uma avenida ou rua para o ritual e nela se destacam locais por onde devem passar os desfilantes, onde deve ficar a plateia e o lugar destinado às autoridades e comissão julgadora), sendo todas as agremiações deste tipo organizadas na União das Escolas de Samba Paulistas (UESP).

classificação no concurso e título do enredo apresentado. Também no âmbito documental, foram utilizados os conteúdos das entrevistas realizadas em dois projetos conduzidos pelo Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB)⁴, o qual se encontra sediado no Museu do Futebol, em São Paulo: (i) Relato de campo e (ii) Territórios do torcer: uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo.⁵

Entre os meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020, foi promovida a observação participante através da ida ao desfile do carnaval de 2020 e de visitas à quadra da TUP, a qual se transforma em ateliê e barracão no tempo particular do carnaval, além de ser o local de concentração dos membros da torcida organizada para se deslocarem aos estádios onde o Palmeiras disputa as partidas dos campeonatos em que participa. Ao longo desta observação, entrevistas informais foram realizadas, as quais, para além dos próprios dados obtidos, auxiliaram na organização das entrevistas semiestruturadas.

Compreendendo o caráter das interações entre os indivíduos em um determinado grupo e seus processos comunicativos como orientadores das recordações, destacado por Halbwachs (1990/1950), e considerando os aspectos relativos ao esquecimento e ao silêncio, formaram-se grupos de memória compostos por duas, três pessoas ou mais, construídos a partir de amostragem em bola de neve (Vieira, 2018), onde, inicialmente, o presidente da agremiação indicou duas pessoas, sendo uma mais ligada ao carnaval e outra com atuação significativa na torcida organizada. Após entrevista informal, onde os objetivos da pesquisa foram debatidos, estes dois primeiros indicados convidaram os demais sujeitos de fala, os quais destacaram outros, compondo desta forma os grupos de memória.

Estes grupos de memória foram estruturados para a realização das entrevistas considerando a perspectiva de Halbwachs (1990/1950), entendendo-os como grupos de partilha, sem objetivar uma ação efetiva de intervenção social, mas sim por se caracterizar por partilhar experiências em comum, constituindo assim um tipo de ação comunicativa.

⁴ Material disponível para consulta em <https://museudofutebol.org.br/>

⁵ Deste conjunto de entrevistas, foram selecionadas as realizadas com Janaína Cláudia Gonçalves Fervorini (integrante da TUP e do núcleo feminino da torcida), Luiz Pereira Pinho (fundador da TUP, presidente entre 1977 e 1980 e atualmente integrante da velha-guarda), Wanderley “Matheus” Rodak (presidente da TUP entre 1980 e 1985, atuante em funções da diretoria da torcida organizada até 2002, quando se afastou por definitivo da torcida), Marcelo Lima (integrante da TUP desde a década de 1980 e atual presidente) e Paulo Rogério de Aquino (Serdan) (fundador da Torcida Mancha Verde e atual presidente da escola de samba Mancha Verde).

As entrevistas feitas com os grupos de memória objetivaram tratar de questões relativas ao histórico da agremiação e suas participação no universo do carnaval e do futebol, as forças sociais que a mobiliza e como ela configurara e estruturara as redes de apoio às atividades e se as mesmas foram mantidas ou desmobilizadas. No Quadro 1, descrevem-se as informações sobre os entrevistados e suas relações com a TUP. Ressalta-se que os nomes dos entrevistados são fictícios no intuito de se preservar o anonimato dos mesmos.

Quadro 1

Dados sobre o conjunto dos entrevistados⁶

Entrevistado	Relação com a TUP
Patrício	Membro da agremiação carnavalesca desde sua fundação, desempenhando ao longo deste tempo funções na realização do desfile. Sem atuação na torcida organizada.
Dario	Fundador da agremiação carnavalesca e membro da torcida organizada na mesma época. Afastou-se na virada para a década de 2000, retornando há três anos e passando a integrar a velha-guarda.
Alexandre	Membro da agremiação carnavalesca desde os primeiros anos de existência, desempenhando ao longo deste tempo funções na realização do desfile. Sem atuação na torcida organizada.
Milton	Membro da agremiação carnavalesca desde sua fundação, desempenhando ao longo deste tempo funções administrativas e na realização do desfile. Atuante como integrante na torcida organizada desde a década de 1980 e como membro de sua diretoria desde a década de 1990.
Francisco	Membro da agremiação carnavalesca e da torcida organizada desde o início da década de 2000, exercendo funções administrativas na torcida organizada e na realização do desfile da agremiação carnavalesca.
Belizário	Membro da agremiação carnavalesca e da torcida organizada desde 2007, exercendo funções administrativas na torcida organizada e funções na realização do desfile e administrativa na agremiação carnavalesca.
Patrícia	Membro da torcida organizada desde a década de 2000, porém com participação discreta nas idas aos jogos do Palmeiras. Atualmente, é membro da velha-guarda.
Gregório	Membro da agremiação carnavalesca e da torcida organizada desde 1989. Foi um dos fundadores da escola de samba em 2008, onde exerceu funções administrativas e na realização dos desfiles. Atualmente, é membro da velha-guarda.

⁶ No intuito de especificar mais o lugar de fala de cada um destes entrevistados, sem, no entanto, expô-los (o que permitiria sua identificação), optou-se por configurar três posições no interior da organização. A primeira é a parte administrativa onde se encontram funções como presidente, vice-presidente, secretário, direções de patrimônio e conselho fiscal. A segunda é relativa à parte social onde estão os integrantes sem função específica e a velha-guarda. A terceira é específica do carnaval e relativa à parte do desfile onde se encontram a direção de carnaval, a direção de barracão, a direção musical e o carnavalesco (ou comissão de carnaval). Aqui, a opção pelo termo agremiação carnavalesca ocorre pelo fato de já ter sido bloco especial, sendo hoje escola de samba.

Carlito	Membro da torcida organizada desde o início da década de 1980. Atualmente, não exerce qualquer função e também com pouquíssimas idas aos jogos do Palmeiras. É membro da velha-guarda, mas com pouca frequência fora do período do carnaval.
William	Membro da torcida organizada desde a década de 1980, afastando-se na década seguinte. Retornou na década de 2010 a participar mais efetivamente, após convite para integrar da velha-guarda.

3. Torcidas organizadas: futebol e carnaval

Em São Paulo e no Rio de Janeiro, agremiações carnavalescas foram fundadas a partir de times de futebol amador. No Rio de Janeiro, temos os casos da Mocidade Independente de Padre Miguel, União da Ilha, São Clemente (esta, inclusive, ainda mantém em atividade seu departamento de futebol de areia). Em São Paulo, como exemplos, encontram-se agremiações como a Vai-Vai, Águia de Ouro e Colorado do Brás.

Em São Paulo, há a coexistência com as agremiações formadas por torcidas organizadas dedicadas aos clubes de futebol profissional. No Rio de Janeiro, este movimento busca se estabelecer de forma orgânica a partir do carnaval de 2019 (Barbieri, 2020).

Há uma clivagem entre futebol e carnaval e que marca as torcidas organizadas. Para Pimenta e Silva (2019), a diferença está no fato do carnaval ser um ambiente de maior cordialidade e rivalidades arrefecidas. Para tal afirmação, os autores trabalham as torcidas organizadas de escolas de samba como contraponto às escolas de samba de torcidas organizadas ligadas ao futebol.

Porém, exemplos no interior do carnaval permitem refutar esta tese. A divisão das arquibancadas por torcida ocorre em São Paulo, mas antes já ocorria em Manaus com as torcidas organizadas de escolas de samba (Barbieri, 2016) e um movimento na mesma dinâmica ocorre no Rio de Janeiro (nos ensaios técnicos) (no desfile, há proibição da LIESA de setorização de torcidas de escolas de samba e sobre o uso de bandeiras e faixas) (Pimenta e Silva, 2019). Em São Paulo, também há movimento de torcidas organizadas de escolas de samba (exemplos da Rosas de Ouro e Pérola Negra) (com uma estética muito semelhante às torcidas organizadas de futebol) (no Rio de Janeiro, esta estética não é plenamente adotada, justificando-se por ter uma maior participação de mulheres).

O uso da violência (tipicamente atrelada às torcidas organizadas de futebol) também se revela nas escolas de samba. O caso que mais chamou atenção, pois justamente foi transmitido pela TV Globo, aconteceu na apuração do carnaval de São Paulo de 2012.

Nessa ocasião, um homem credenciado pela Império da Casa Verde que estava portanto no espaço reservado aos representantes das escolas de samba, aproveitou-se de tumulto em frente à mesa de apuração para subir na mesa junto com integrantes das escolas Camisa Verde e Branco e Gaviões da Fiel rasgando os mapas de notas que estavam sendo lidos naquele momento. O tumulto prosseguiu mesmo após encerramento da apuração com a participação de torcedores da Gaviões da Fiel que lotavam uma das arquibancadas do Sambódromo do Anhembi. Os torcedores promoveram um quebra-quebra no trajeto de saída da apuração com a depredação e incêndio de carros alegóricos da escola rebaixada na ocasião, a Pérola Negra. [...] A mídia paulistana relacionou a rivalidade destas torcidas a violência desencadeada naquela apuração, apesar de outras duas escolas que não eram ligadas ao futebol terem protagonizado a confusão. (Barbieri, 2016, p. 168)

No Rio de Janeiro, também ocorreram episódios semelhantes. Por exemplo:

A apuração carioca das escolas do Grupo Especial, a 1ª divisão, é transmitida pela Rede Globo de Televisão para todo o Brasil e, portanto, poderia ser apontada como um possível modelo para outros carnavais brasileiros. Isto não isenta essa apuração da tensão e dos conflitos por mais que estes sejam muitas vezes evitados pela transmissão televisiva. São as escolas de samba insatisfeitas ou malsucedidas na classificação final que protagonizam os conflitos. São inúmeros os exemplo de confusões entre torcedores e dirigentes das escolas no Rio de Janeiro, ainda em tempos em que as apurações não eram transmitidas pela TV. (Barbieri, 2016, p. 167)

Em Manaus, Barbieri (2016) relata situações de mesma ordem:

Em Manaus, os registros de confrontos violentos em apurações não ficam para trás. O historiador Daniel Sales cita dois dos mais marcantes: a batalha entre torcedores da Mocidade de Aparecida e da Vitória Régia. Enquanto o primeiro se deu nos primórdios da rivalidade entre as duas escolas, no carnaval de 1982, o segundo aconteceu em pleno sambódromo no carnaval de 1994. (Barbieri, 2016, p. 168)

4. A Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP)

Segundo Campos e Louzada (2012), a TUP foi a primeira associação de torcedores da Sociedade Esportiva Palmeiras, fundada em 1970 (mais precisamente em 29 de novembro) por um grupo de alunos do Colégio Dante Alighieri, uma tradicional escola da comunidade italiana em São Paulo, frequentada por estratos médios e superiores da sociedade paulistana. Porém, Luiz Pinho detalha mais esta construção informando que, já em 1968, as pessoas que viriam a formar a TUP já se agrupavam no estádio. Outro destaque é que ele pontua a participação de outros segmentos na formação da TUP, além dos discentes do Colégio Dante Alighieri.

Matheus Rodak precisa mais esta conformação ao explicar que:

“Esse pessoal que se reunia, na época de 70, era três grupos na TUP. O pessoal estudante do colégio Dante Alighieri, depois o pessoal que morava na Pompéia, perto do Parque Antártica, e o pessoal da italianada do Brás. Então a gente ficou inserido ali. Começou a se organizar [...] Depois de um ano e meio que a torcida estava fundada, aí eu comecei a participar. Eu me sentia em casa, porque a TUP o que ela era? Ela juntava os velhos palestrinos, gente que ainda pegou o Palestra Itália e os jovens palmeirenses. Então, ali era uma família, tinha muitas senhoras que participavam, e a gente se sentia prazeroso de participar, porque era torcida uniformizada, isso queria dizer que no regulamento que você tinha que estar de calça branca, camisa verde, bordado atrás “torcida uniformizada”, sapato branco, então se você não tivesse, você não entrava no meio da torcida. O Palmeiras nos ajudava com ingressos, mas você tinha que estar uniformizado. Era bonito de se ver. Todo mundo de verde e branco.”

Com isto, verifica-se que estratos inferiores da sociedade paulistana (porém extremamente ligados à colônia italiana) integravam a TUP, porém em um movimento diferente daquele verificado em outras torcidas organizadas que surgiram na mesma época, como a Gaviões da Fiel (ligada ao Corinthians) e a Torcida Jovem (ligada ao Santos)⁷, as quais eram compostas majoritariamente por camadas populares, segundo Florenzano (2019), incluindo também uma clivagem racial. Piva (2019) destaca que as lideranças das torcidas organizadas a partir da década de 1990 passam a ser exercidas por pessoas nascidas e criadas em bairros periféricos da capital paulista, normalmente filhos de migrantes nordestinos.

Ao longo das entrevistas, duas questões me chamaram a atenção: (i) o interesse por participar da torcida por conta da festa enquanto espetáculo visual e musical. Posteriormente, a socialização com os demais membros desenvolveu-se, desdobrando em atuações na torcida organizada e na escola de samba e (ii) a admiração, sem exceção, pela figura do atual presidente da TUP, Marcelo Lima⁸, chegando ao nível de muitos declararem que seu afastamento da TUP representaria também a saída deles, pois leva em consideração a forma com a qual o atual presidente se dedica à torcida e de não ter enriquecido à custa da coletividade. Patrício reforçou o caráter de liderança do atual presidente ao declarar que, na TUP, a responsabilidade sempre recai para o

⁷ Apesar do Santos ser uma equipe de futebol sediada fora da capital do Estado, sua maior torcida organizada (Torcida Jovem) localiza-se na capital e participa do carnaval paulistano desde 1978, sendo somente menos antiga na folia que a Gaviões da Fiel, participante das festividades chanceladas pelo poder público desde 1975. Os dados descritos sobre a Torcida Jovem não são encontrados na publicação de Campos e Louzada (2012), sendo reunidas pelo autor deste artigo através da consulta aos acervos da SASP e do CRFB.

⁸ Até o motorista do Uber que me levou à quadra em uma das visitas, ao saber que iria para a quadra da TUP, comentou sobre o Marcelo, destacando que se tratava de um *cara gente muito boa*.

Marcelo. Segundo o entrevistado, quando há um problema a ser resolvido, a decisão sobre a prioridade (escola de samba ou torcida organizada) é emitida pelo Marcelo.

Nos anos 1980, a entrada na TUP foi destacada pelo agrupamento organizado promovido no estádio e na sede, posteriormente, como local de encontro e socialização e as questões estéticas. Para Gregório, a questão estética foi fundamental. “*Eu entrei sozinho em 89 [...] Eu gostava muito da camisa bordada. Torcida uniformizada e aquele periquito tradicional. [...] Mas o que me levou para a TUP foi o símbolo da TUP, o periquito*”. Para Carlito, houve um processo iniciado por relação de vizinhança, a qual se desdobrou no processo de socialização com os demais integrantes em uma das sedes anteriores da torcida. Outra questão destacada por Carlito era a gestão do patrimônio da torcida e as vantagens de pertencer àquela coletividade.

Eu entrei assim, ó. Um vizinho meu era da TUP, meados dos anos 80, e ele vinha muito para os jogos. Na adolescência, minha mãe não deixava eu vim nos jogos e acabou deixando eu vim com ele, né, porque ele era maior, e acabei parando aqui na TUP. Não essa TUP aqui, mas a TUP tradicional, que era lá no centro da cidade. [...] E a gente ia muito para lá. [...] Era uma salinha, 4 x 4 [metros] no máximo. Todo mundo ia para lá e saía de lá. Foi assim que eu comecei; comecinho dos anos 80. [...] A TUP era uma torcida muito organizada, tinha diretoria, existia conselho, tinha que ir de calça branca, camiseta da TUP... Tinha uma quantidade de ingressos por jogo. Você pagava uma mensalidade e tinha direito aos ingressos dos jogos. Era como se fosse clube, mesmo. Você pagava e nos dias dos jogos tinha uma pessoa lá que “Ó, você está em dia” e te dava o ingresso. [...] Para você ter uma ideia, a coisa era tão organizada, que pra você pegar uma bandeira para tremular na arquibancada, você tinha que dar a sua carteirinha [...] a pessoa que era do patrimônio guardava essa carteirinha e terminando o jogo você devolvia a bandeira e pegava sua carteirinha de volta.

Considerando o marco temporal após a virada do século, a partir da década de 2000, as motivações não diferiram em relação àquelas postas na década de 1980.

Sobre a experiência de querer integrar a TUP, Belizário afirmou que:

“A primeira vez que eu conheci o estádio, meus tios familiares me levou para conhecer o estádio, só que nas cadeiras. Aí, eu ficava olhando o pessoal animado na arquibancada, animado. A TUP levava umas máquinas de papel picado, fazia bastante festa. Então, eu comecei a me interessar em frequentar a torcida para conhecer isso daí, para incentivar o Palmeiras mesmo. [...] Conheci a arquibancada e o samba também, nos ensaios [...] porque os ensaios começam bem antes e eu aí me interessei a participar, aprender a tocar instrumento, tinha escolinha na época. Então, foi por interesse meu mesmo.”

Para Francisco, o enredo é semelhante, porém também contando com uma lembrança afetiva do atual presidente.

“Eu comecei aqui, eu sempre vivi aos arredores do Palestra Itália, estádio do Palmeiras, desde que eu nasci. Aí, eu saía lá, via a batucada, as

bandeiras, via maior festa na rua. E sempre fui palmeirense, ia a jogo com meu pai. Aí, comecei [na TUP] nos anos 2000. [...] Na verdade, eu via a festa na rua e ficava perto vestido de Palmeiras, gostava, ficava perto e lembro até hoje. Queria comprar uma camisa. Aí, comprei uma camiseta. Aí, o Marcelo me viu. Aí, ele pegou e falou “meu, vem aqui, você fica no meio da gente hoje” e nunca mais saí. Essa foi minha história. Lembro até hoje dele falando.”

Examinando a mudança nos quadros diretivos da TUP, conforme a dinâmica explicitada por Piva (2019), a Sociedade Escola de Samba TUP começou a ser germinada no final da década de 1980, inicialmente como bloco, para depois se filiar à UESP, tornando-se bloco especial e iniciar sua caminhada no carnaval oficial da cidade como bloco especial.

5. A Sociedade Escola de Samba TUP

O envolvimento da TUP com o carnaval inicia-se na década de 1980 com as mudanças ocorridas no corpo diretor da torcida, tendo uma maior participação de membros oriundos das classes populares e envolvidos com o carnaval paulistano das escolas de samba. Desta forma, ao longo desta década gestou-se a criação de um bloco com o objetivo de participar do carnaval oficial organizado pela UESP.

Segundo Marcelo Lima, atual presidente da TUP:

“Na época os caras falavam que só o corintiano que era do samba, corintiano era sambista, tal, não sei quê, que é a Vai, Vai, não sei quê. E eles comentavam isso aí. Eu falei: ah, vamos mudar. A TUP começou a montar... Juntou eu, Cabeção, Mariano, Cleber, uns caras... Tanto que a bateria da TUP – não sei hoje ainda, os caras nunca admitem –, mas foi considerada como a melhor das arquibancadas. E a aí a gente aprendia. Na época era surdo de madeira... puta, não era nem [bordon], era esteira, aquelas caixas de guerra –, não tinha limite para levar instrumentos, se quisesse levar dez, vinte... você ficava descontraindo, você tocava lá, não ficava pensando em querer brigar. Ai eis que, com essa história, os Gaviões tinha.. era Gaviões e Torcida Jovem, era a maior disputa de bloco carnavalesco que existia no meio do samba, entre Gaviões e Torcida Jovem...”

Carlito corrobora essa fundação da agremiação carnavalesca, destacando a atuação específica de um dos membros:

“Tem um cara muito importante nesta história, que se chama Marcos Vieira, vulgo Cabeção. Ele sempre falava para o pessoal aqui, na época: “pô, o pessoal do Corinthians tá lá, tá desfilando, sabe. A gente tem que montar um bloco”. E o pessoal era meio reticente com isso, né. Alguns palmeirenses eram meio reticentes e diziam que palmeirense não era de samba. E que hoje a gente vê que isso é conversa. Brasileiro todo é de samba. E ele ficava insistindo nisso: “nós temos que montar um bloco, um bloco...”. Até que um dia, o pessoal se reuniu e falou: “então tá bom, vamos lá, brincar, ver o que vai dar” [...] E aí acabou que foi dando certo e o pessoal tomando gosto por isso. Aí todos os anos ficou bloco, bloco, bloco, até que um dia o pessoal “vá... Tá na hora de virar escola [de samba].”

Milton também recordou a criação do então bloco especial TUP e a proposta na época de montar uma escola de samba dos palmeirenses, em moldes semelhantes ao que hoje é destacado por Barbieri no caso do Rio de Janeiro (2020):

“A gente era criança, queria fazer escola de samba que seria a Mocidade Alviverde, um negócio assim, que não deu certo, porque o Cléo⁹ morreu logo depois [...] Aí nós fundamos o bloco, porque eu desfilava na Imperadores [do Ipiranga] e aí montamos o bloco. A gente tinha bateria, tinha tudo... Aí foi feito. [...] E aí como todos os times de futebol tinham, a gente gostava de tocar e aí a gente fez aqui começou a fazer uma brincadeira e foi indo.”

Cabe ressaltar que este processo de configurar uma escola de samba sem uma filiação direta a uma torcida organizada era uma contingência temporal, pois as torcidas organizadas somente poderiam se inscrever como blocos especiais, sendo vedada a criação de escola de samba, interdito este que somente foi removido para o carnaval de 1989, com o convite feito pela Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (LIGA SP)¹⁰ ao bloco especial Gaviões da Fiel para se tornar escola de samba¹¹. A questão da criação da escola de samba Mocidade Alviverde também foi citada por Paulo Serdan, atual presidente da Escola de Samba Mancha Verde:

“Ser uma escola de samba sempre foi o sonho do Cléo, mas ele queria que se chamasse Mocidade Alviverde e fosse todo mundo junto. E a gente não concordava. A gente falava: “Mas se tiver que ser alguma coisa do samba, tem que ser a gente. A TUP faz...”. A TUP já era bloco. “Então a TUP faz a dela e a gente cuida do nosso, Cléo.” Até teve uma votação, num Palmeiras e Santos. A gente estava lá no tobogã, na parte de baixo. Eu votei contra ele, nesse dia, aí ele ficou bravo pra caramba. Ele acabou perdendo. Mas era o sonho dele, que a gente tivesse uma escola de samba.”

Porém, este processo envolveu tensões e disputas no interior da torcida organizada, revelando inclusive uma disputa sobre a própria construção do *ethos* desta coletividade. Exemplificando a voz dos membros mais antigos e arraigados às origens da TUP a partir de membros descendentes de italianos, Matheus Rodak foi um daqueles que se opuseram a esta participação institucional no carnaval paulistano:

⁹ Cléofas Sostene Dantas da Silva, presidente da Torcida Organizada Mancha Verde, assassinado em 18 de outubro de 1988.

¹⁰ A LIGA SP foi fundada em 19 de julho de 1986 como dissidência das principais escolas de samba filiadas à UESP. Desde esta data, as duas primeiras divisões hierárquicas do concurso das escolas de samba paulistanas foram assumidas pela LIGA SP, cabendo à UESP a gestão dos demais grupos de escolas de samba e de blocos especiais.

¹¹ De 1977 a 1988, contabilizando desta forma doze participações, o bloco especial Gaviões da Fiel foi campeão em 11 anos e vice-campeão no ano em que não venceu. Tratava-se então de uma agremiação que já não possuía mais concorrente no grupo de blocos especiais. Porém, de forma direta, sem competir nas divisões hierárquicas organizadas pela UESP, a Gaviões da Fiel já estreou como escola de samba na segunda divisão hierárquica das escolas de samba. Este foi um caso único. Os demais blocos especiais oriundos de torcidas organizadas e que se transformaram em escolas de samba iniciaram sua caminhada nos grupos organizados pela UESP.

“Eu sempre fui contra que a torcida se tornasse um bloco ou uma escola de samba, porque não era nossa finalidade, então eu fui contra. “Ah, vai expandir aquilo”. Sabe, não vai representar nada para a gente, só para dizer que é um bloco, uma escola de samba. Então eu sempre fui contra.”

“Eu estava, sim, mas foi um período que eu mesmo não me preocupava com o carnaval. Como eu disse, eu terminei a minha função lá e fui cuidar de bandeira, mas eu não participava na organização. Não quero, prefiro, não, preferi não participar. Quer dizer, eu ia no desfile, desfilava e tudo, mas na organização eu preferia não. Teve um ano que eles fizeram homenagem às festas italianas, aí nós levamos todo esse pessoal que trabalha nas festas italianas, todas as mamãs, levamos para desfilarmos no sambódromo, foi bem legal.” [sobre sua participação na TUP quando ela se filia a UESP em 1989]

Carlito também pontuou as questões destas tensões sobre a criação ou não do bloco através da figura do Matheus Rodak:

“O Matheus é daquela ala italianíssima, daquele pessoal da velha-guarda da TUP, que é dos anos 70, daqueles que andavam de calça branca e camiseta da TUP em jogos. Então, eles eram tudo contra, mas não eram sambistas. A música deles era a tarantela e não o samba, tá entendendo... E a molecada da época que era o Cabeção, o Marcelo; esse pessoal queria expandir para o samba. Então, houve que meio esse racha, e o samba, graças a Deus, acabou vencendo.”

Dario é um dos fundadores da escola de samba e, como já tinha vivência no carnaval, considerava a necessidade de que, no mundo do samba, as diferenças entre as torcidas organizadas devem ser relativizadas, como apontam Toledo (1996) e Bueno (2015), e de ter um trabalho voltado aos moradores do entorno no intuito de reunir pessoas na escola de samba (o que neste universo se traduz pelos termos “comunidade” ou “chão da comunidade”):

“Era nós, torcida uniformizada da TUP. Com o tempo, nós fez um social com o pessoal da Barra Funda e tivemos a ideia de montar um bloco. Vamos lá, Gaviões montou, outro montou. Nós não. Comunidade. E o Marcelo não queria por causa do Palmeiras, Palmeiras, Palmeiras... Aí, eu disse: Pô cara, vamos ajudar, fazer festas... Torcida é torcida, samba é samba. Torcida, nós somos Palmeirense. Pra ficar com corintiano não dá. Isso é lógico. Samba. Pô, você vê um conrintiano... Você acha que a TUP não vai deixar entrar no samba? Não. Comunidade. Então seja corintiano, são paulino, santista, a casa tá porta aberta, mas com respeito. Entre com tua esposa, tua criança, seja benvindo. Tu é um corintiano e você quer desfilarmos na nossa torcida, na nossa escola de samba TUP, seja benvindo, você é tupista. Se me convidar pra mim ir em um ensaio lá [na Gaviões da Fiel], por que não? Se eu tô sendo convidado. (...) Eu vou sim. Não com essa camisa [camisa do Palmeiras] que eu tô, lógico. Que aí é falta de respeito. Vou subir no palco, assim como muito gavião subiu no palco da nossa torcida. Bebe com a gente, come com a gente, dorme com a gente... Então isso aqui é um patrimônio comunitário, social.”

Ainda na seara da constituição de uma “comunidade” da escola de samba, seja pelo fato de ser membro da torcida organizada, da mesma preferência clubística ou de morar nas redondezas, Milton considera que as torcidas organizadas se transformaram

em certo grau ao participarem do mundo das agremiações carnavalescas. Entretanto, pontua que a fidelidade ao time de futebol e à torcida organizada não se traduz automaticamente em participação massiva na escola de samba. Uma das questões é que na escola de samba não se pode ter o mesmo comportamento “maloqueiro” que se tem na torcida organizada.

“O único público leal que é da torcida e da escola de samba é a Gaviões da Fiel. Só. É o mesmo público que vai na arquibancada e que desfila. A Mancha [Verde] é 10% que desfila da torcida. Entendeu? Então, o trabalho que a gente fez hoje, eu tenho cinco alas fechadas só da torcida [...] Porém, com dupla personalidade. No samba, o cara tem que tomar banho, vir aqui trocar uma ideia, não encher o saco, não encher o cu de pinga e nem querer brigar. É dupla personalidade. Jogo é jogo e samba é samba.”

Sobre a liminaridade entre a preferência clubística do componente e a da escola de samba, Patrício ilustra como ocorre na prática o caminhar nesta fronteira milimétrica. Perguntado se era palmeirense, ele riu e disse:

“Não... O Marcelo sabe disso. Eu aqui, na quadra da minha escola de samba TUP, eu não discuto futebol, não falo de futebol. O Marcelo sabe que eu não sou palmeirense, que eu torço para o Corinthians, mas não sou corinthiano. Sabe o que acontece? Eu acho que o cara que é corinthiano, ele briga por causa do Corinthians, ele vai no estádio e assiste o jogo... Eu não faço nada disso. O Corinthians joga e ganha, eu me sinto bem, fico alegre. Corinthians joga e perde, eu digo: paciência; perdeu que se dane, quem tá ganhando dinheiro são eles, não eu. Eu não sou muito futebolista. Eu gosto da TUP escola de samba e tenho um amor, um carinho muito grande por esse cara chamado Marcel.”

Estes dois fenômenos de relativização – (i) da não associação imediata entre os membros da torcida com os membros da agremiação carnavalesca e (ii) da não associação imediata entre a preferência clubística do integrante em relação ao clube para o qual a torcida organizada manifesta seu apoio – permite afirmar que estas agremiações carnavalescas, em um grau superior àquele verificado nas demais escolas de samba e blocos especiais, configuram uma *mancha* (que está na quadra, na avenida de desfile, na arquibancada e em qualquer outro lugar onde são convidados) segundo o conceito estabelecido por Magnani (2008), que se constitui em uma *comunidade de sentimento* (Appadurai, 1996), não mais se restringindo a um território físico, cuja estrutura de governança possui em seu cerne, para além do *habitus* (Bourdieu, 1989), uma *estrutura teleoafetiva* (Schatzki, 1997), referindo-se a emoções que são aceitas e aconselhadas, consideradas como válidas ou legítimas na prática.

Suportada por esta tríade – *mancha, comunidade de sentimento e estrutura teleoafetiva* – destaco três exemplos. No primeiro, Janaína relatou uma dessas visitas a festividades de outras agremiações carnavalescas ligadas à torcidas organizadas:

“O que deu contornos singulares ao evento foi o fato da festa ter sido organizada por uma suposta torcida organizada rival: a Independente, do São Paulo Futebol Clube. Por várias vezes a presença dos integrantes da TUP foi anunciada no microfone da festa. “Fomos extremamente bem recebidos”, garantiu Janaína.”

O outro caso foi pontuado por Milton que afirmou que é a escola de samba que mantém a necessidade de manutenção da quadra da TUP. Se fosse somente a torcida organizada, a quadra não teria o mesmo cuidado pelo fato de promover eventos com grande parte do público externo à torcida e vivenciados nos padrões vistos em outras quadras de escolas de samba e blocos especiais.

Por último, a tensão que permeia o encontro de duas torcidas organizadas, mesmo no período de carnaval, e a solidariedade entre elas, as quais se consideram discriminadas no carnaval, cuja aproximação ocorre por conta das relações de socialização entre as lideranças das torcidas organizadas. Alexandre relatou que:

“A Gaviões pediu várias vezes licença pra passar aqui na frente [da quadra da TUP], com os carros, todas as coisas. Os caras ficavam aqui sentado. Sabe quando o gato fica olhando o passarinho? Tudo mundo aqui só olhando. Pessoal passava quieto e o pessoal ficava quieto. Mas uma besteirinha que você falar aí, uma faísca, morre... O couro come... Mas, teve ano que o material todo dos Gaviões eu peguei. A torcida do Palmeiras quase não ajuda. A Mancha ajudou a gente aí no ano passado com duas, três alas. Os Gaviões, nossa... Deu o almoçarifado. Tudo vai, mas não pela torcida. Os Gaviões não vê a TUP. Vê o Marcelo.”

Complementando este aspecto da estigmatização, Patrícia afirmou que:

“As escolas de samba e blocos especiais ligados às torcidas organizadas são discriminadas porque as demais tem medo. Falam que tirou o glamour, tirou gente. Porque juntou as duas maiores paixões do brasileiro: futebol e carnaval. Aham que não conseguirão mais patrocínios porque eles vão para as torcidas organizadas, que dão múdia o ano inteiro, diferente das escolas de samba.”

Porém, mesmo no carnaval, a relação entre as torcidas organizadas pode ser conflituosa. Como muitos disseram, “basta uma fagulha”. William comentou que:

“Em um ano, a TUP estava com problemas no Anhembi para terminar seu carro alegórico e o pessoal da Torcida Jovem do Santos foi em peso ajudá-los, pois já tinham terminado de montar seu carro. [...] Há uns seis, sete anos atrás, na própria Vila Esperança, houve um porradal da TUP com a o pessoal da Torcida Jovem do Santos (a sede deles fica próxima) e duas pessoas da Torcida Jovem foram mortos. O conflito ocorreu do outro lado da estação de metrô onde ocorre o desfile.”

6. Carnaval 2020: ritual e drama social em desfile

Observando a preparação e realização do desfile em si, a questão ritualística e o drama social (Cavalcanti, 2013) de colocar o carnaval na rua combina elementos do mundo do samba e do carnaval.

Para o carnaval de 2020, a TUP estava na quinta divisão hierárquica das escolas de samba, o Grupo de Acesso I de Bairros. Após infortúnios envolvendo má gestão financeira e jurídica, a agremiação chegou a retornar ao último nível hierárquico e vem experimentando nos dois últimos anos um processo de recuperação.

No dia 11 de fevereiro, a quadra foi inundada por fortes chuvas e muito do material pronto para o carnaval foi perdido. Segundo Milton, quem ajudou mais a TUP foi a Gaviões da Fiel e a Dragões da Real (escolas de samba ligadas ao Corinthians e ao São Paulo, respectivamente). E, conforme relatou Milton, esta ajuda não foi obtida por busca do pessoal da TUP. Foram as agremiações que procuraram a TUP e ofereceram ajuda. As agremiações ligaram e pediram para ir nos barracões e pegar material. Depois do alagamento, aproximadamente o número de pessoas trabalhando triplicou, sendo dessa vez os membros da torcida, madrugando na quadra e arrumando o material do carnaval e limpando a quadra.

Faltando três dias para o desfile, teve o confronto entre Palmeiras x Guarani, no dia 20 de fevereiro, pelo Campeonato Paulista. Quando comentei da possibilidade de não irem ao jogo por conta da emergência do carnaval que surgiu com o alagamento, foram enfáticos em dizer que iriam para o jogo de qualquer forma (depois, até voltariam para a quadra para compensar o tempo). Mas, claramente ficou mostrado que é inegociável não ir ao jogo. Porém, devido a um atraso na parte de esculturas, Milton não foi à partida (algo que raramente acontece). Desta forma, constatou-se que não há primazia (categoria que estabelece permanência), mas prioridade (categoria que permite fluidez).

No dia do desfile, a concentração da TUP foi muito tensa, com princípio de confusão, na armação da TUP, já com o relógio disparado, por conta de algumas pessoas ligadas a outra escola de samba, que provocaram, mas que foram identificadas pelos membros da TUP como torcedores da Gaviões da Fiel. Alguns diretores da TUP foram para o enfrentamento e outros tentando apaziguar por dois motivos: (i) a escola

estava começando o desfile (ii) ser enquadrada na artigo 26, que prevê desclassificação (ou exclusão, a conferir) e devolução da subvenção.

Em determinado momento, ao meu lado, um dirigente de uma escola de samba não ligada ao futebol comentou que:

“o problema é que o pessoal de escola de samba acha que o procedimento no carnaval é igual a no estádio. Esse pessoal sempre chega na marra, pensando que é estádio, meter o dedo na cara. É um pessoal complicado, pois as escola de samba de torcida já vem com este espírito de arquibancada, agressivo, cheio de stress e traz para o carnaval, principalmente no relacionamento com os órgãos públicos.”

Mesmo com o ocorrido, Alexandre disse que a concentração foi 50% mais tranquila que dos anos passados. Para ele, foi uma das concentrações mais tranquilas da TUP. Ressalto também que as pessoas contratadas pela UESP destacaram também que esta passagem da TUP tinha sido a mais tranquila dos últimos tempos.

Destaco que pessoas contratadas pela UESP comentaram que a dispersão é o local mais problemático (*“passou o desfile, o espírito da arquibancada pode voltar”*). Além de possíveis brigas com grupos de torcidas organizadas de outros clubes, por vezes ocorreu conflito entre os próprios membros da torcida organizada após os desfiles, assim como nos estádios.

Ao final do desfile, na dispersão, o pessoal da TUP entrou em catarse (muito diferente daquele visto nas escolas de samba quando terminam o desfile no tempo permitido). Primeiro, cantaram o hino do Palmeiras, e depois cânticos da torcida. Embaixo do carro alegórico, tinham bambu e madeira (do pessoal do departamento de bandeiras, que estava cuidando da alegoria) com uma bandeira, a qual foi desfraldada e balançada da mesma forma quando era permitida nos estádios. Foi como um gol, um título... E este título veio, pois a TUP foi a vice-campeã, sendo promovida para o Grupo Especial de Bairros, última divisão hierárquica a transpassar para voltar a desfilar no Sambódromo do Anhembi, considerado o palco nobre do carnaval paulistano.

7. Considerações finais

No decorrer do estudo, verificou-se que a participação no carnaval possibilita à TUP ocupar o espaço urbano de outras formas para além daquelas já estabelecidas como torcida organizada. A inserção da TUP no carnaval decorreu por conta de uma participação anterior dos membros mais jovens em outras escolas de samba, tensionando um conflito com os filiados mais antigos sobre esta combinação de formas

de lazer entre os associados, e ao fato de desejarem se equivaler a torcidas organizadas, ligadas aos demais grandes clubes profissionais de São Paulo, que já participavam do carnaval. Também se revelou uma configuração de sociabilidades com membros e dirigentes de outras torcidas organizadas e escolas de samba, a qual não permite estabelecer uma separação rígida entre um *habitus* de torcedor organizado e outro de folião. Na realidade, uma tríade – *mancha, comunidade de sentimento e estrutura teleoafetiva* – se faz necessária para a compreensão deste fenômeno que imbrica futebol e carnaval, onde aqueles que são considerados coadjuvantes no futebol tornam-se atores principais no campo do carnaval.

Por fim, destaca-se que, como torcida organizada ou como escola de samba, o discurso norteador sempre é honrar o nome e a instituição Sociedade Esportiva Palmeiras, que, devido à presença de uma *estrutura teleoafetiva*, externamente é estigmatizado como loucura; marca esta já incorporada de forma jocosa pelos membros da TUP.

Complementando este estigma de loucos, Milton visualiza a TUP como uma instituição total, comparando-a com um hospício, pois, segundo o entrevistado, as pessoas que observam a entidade (torcida organizada e escola de samba) e a relação de seus membros com ela não conseguem vislumbrá-la pelo viés de uma *estrutura teleoafetiva*, reforçando pejorativamente o caráter irracional deste pertencimento. Então, no intuito de definir o caráter deste associativismo, Milton recorre à figura do hospício pois, segundo ele, *só tem doido aqui. Só tem louco. Ninguém vai ficar insistindo num lugar que não dá dinheiro, que você não come ninguém, é só dívida...*

Referências Bibliográficas

Appadurai, A. (1996). *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Barbieri, R. J. de O. (2016). *Carnaval em Manaus (AM): a cidade e suas escolas de samba*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Disponível: <http://objdig.ufrj.br/34/teses/834978.pdf>

Barbieri, R. J. de O. (2020). Escolas de samba e futebol no Rio de Janeiro. In M. L. V. de C. Cavalcanti, & R. de S. Gonçalves (Orgs.). *Carnaval sem fronteiras: as escolas de samba e suas artes mundo afora* (pp. 197-216). Rio de Janeiro: Mauad X.

Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- Bueno, A. (2015). Uma torcida que samba: o Grêmio Recreativo Gaviões da Fiel. In B. B. de Hollanda, & P. L. Negreiros (Orgs.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol* (pp. 219-254). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Campos, H. B., & Louzada, R. (2012). A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. *Maguaré*, 26(2), 147-171.
- Cavalcanti, M. L. V. de C. (2013). Drama, ritual e performance em Victor Turner. *Sociologia e Antropologia*, 3(6), 411-440.
- DaMatta, R. (Org.) (1982). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.
- Ferreira, J. C. V. (2018). *Blocos de Enredo: seu lugar e seus significados na configuração do carnaval carioca*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Florenzano, J. P. (2019). A república dos torcedores. In Hollanda, B. B. B. de, & Florenzano, J. P. (Orgs.). *Territórios do torcer: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol* (pp. 21-38). São Paulo: EDUC.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (2a ed., L. L. Schaffter, Trad.). São Paulo: Vértice. (Obra original publicada em 1950).
- Hollanda, B. B. B. de, & Medeiros, J. (2018). Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. *Mosaico*, 9(14), 23-47.
- Leopoldi, J. S. (2010) Escola de samba, ritual e sociedade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. (Obra original publicada em 1978).
- Magnani, J. G. C. (2008). Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In Magnani, J. G. C., & Torres, L. de L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana* (3a ed., pp. 12-53). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Mayer, A. (2010). A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. (J. A. Simões, Trad.) (Texto original publicado em 1966). In B. Feldman-Bianco (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. (2a ed., pp. 139-170). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1987).
- Peirano, M. (2001). A análise antropológica dos rituais. In _____ (Org.). *O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais* (pp. 17-40). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Pimenta, C. A. M., & Silva, G. C. da (2019). Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. *Sociedade e Cultura*, 22(1), 318-337.
- Piva, R. (2019). Entrevistas com lideranças de torcidas: um relato das gravações. In Hollanda, B. B. B. de, & Florenzano, J. P. (Orgs.). *Territórios do torcer: depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol* (pp. 63-73). São Paulo: EDUC.

Schatzki, T. R. (1997). Practices and actions: a wittgensteinian critique of Bourdieu and Giddens. *Philosophy of the Social Sciences*, 27(3), 283-308.

Toledo, L. H. de (1996). *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Autores Associados/ANPOCS.

Vieira, A. F. B. (2018). A história oral como método para a produção de fontes: usos e possibilidades nas ciências sociais. In Freitas Junior, M. A. de, & Rauski, E. de F. (Orgs.). *Possibilidades metodológicas para a abordagem do esporte nas ciências sociais* (pp. 29-50). Ponta Grossa: Texto e Contexto.

Williams, R. (2011). *Cultura e materialismo*. (A. Glaser, Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1980).